

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

6. As famílias e as instituições educativas

Responsável EBP: Nohemí Brown

Participantes: Ana Tereza Groisman, Andrea Reis, Flávia Cera,
Maria do Rosário do Rego Barros, Renata Soares

Uma escola à medida da criança, à medida das famílias ou à medida do que?

Ao nosso grupo de pesquisa, correspondeu trabalhar em torno do tema: *As famílias e as instituições educativas*. De início, consideramos pertinente o título que nos foi proposto pela comissão organizadora do VIII ENAPOL, porque já nos dá uma ideia da situação atual em que nos encontramos. Não se trata da família, senão das famílias no plural, o que já marca que há muitas formas de fazer família. Assim como, também, resulta pertinente o termo instituições educativas no lugar de escolas, pois destaca a vertente da escola como instituição. Em torno de algo se institui o que se chama escola e daí as diferentes modalidades de fazer instituição.

Decidimos intitular nosso relatório justamente em função deste termo, instituição,¹ pois permite localizar uma questão que intriga e testemunha o momento atual no qual as crianças e os adolescentes se encontram nas relações entre escolas e famílias. Uma forma de interrogar o lugar em torno do qual se conforma a instituição escolar: Que lugar há para as crianças e os jovens nas instituições educativas? E o que implica o laço entre a instituição familiar e a instituição educativa?

¹ Do Latim *Institutio*, no sentido de criação, formação. Ação de instituir, de fundação de algo. Dicionário Houaiss.

O que destacamos como estado da questão neste relatório são as interrogantes que nos orientaram, especialmente a partir de situações que se apresentam no Brasil e as ponderações que elaboramos e esperamos ampliar na conversação.²

Diante das diversas propostas educativas: Uma escola à medida de quem ou de que?

É um fato constante o mal-estar que se destaca com relação ao ensino no Brasil e a diversidade de propostas educativas “alternativas”. A escola “convencional”, “tradicional” pública ou particular, parece não ser suficiente para “educar” os filhos e se elaboram propostas inovadoras. Algumas chegam até a ser vinculadas a políticas públicas³ e a ser implementadas de forma pontual em alguns municípios.

Mas também há escolas criadas “à medida dos alunos”; colocamos entre aspas porque partem de uma visão dos pais do que deveria ser educar. Interessantes ou não, o que chama a atenção é que são os pais quem tem claro o que deveria ser uma escola e o que é educar. Por exemplo, uma “Escola sem regras” onde aprender pode ser divertido.⁴ Ou as propostas incluídas na *Associação Nacional de Educação Domiciliar (Aned)*⁵ onde as opções são muitas, algumas de cunho religioso ou político.

Como referência para pensar, consideramos os documentários: *Quando sinto que já sei*⁶ e *Nunca me sonharam*⁷ que apresentam alguns projetos já implementados em diferentes regiões do Brasil e que partem dos próprios professores, pais e gestores, considerando as situações de risco e abandono das crianças em escolas públicas. O primeiro documentário inicia com a fala de um pai escandalizado pelo lugar no qual eram colocadas as crianças no discurso da diretora da escola onde tinha matriculado a filha.

² Incluímos neste texto algumas pontuações feitas na atividade preparatória junto com Iordan Gurgel e Cesar Skaf na Delegação Paraná.

³ Um panorama deste tema pode se encontrar no artigo: Propostas curriculares alternativas: limites e avanços. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4210.pdf>

⁴ Incluído no documentário *Quando sinto que já sei*.

⁵ <http://www.educacao-domiciliar.com/aned-associacao-nacional-de-ensino-domiciliar-quem-somos/>

⁶ Ao respeito está o documentário: *Quando sinto que já sei*. Também o site seguinte fala de diferentes propostas que tem se implementado no Brasil: <http://www.hypeness.com.br/2015/01/como-iniciativas-de-educacao-inovadoras-buscam-transformar-o-ensino-no-brasil/>

⁷ Atualmente em alguns cinemas, mas distribuídas de forma gratuita para os professores da rede de ensino.

Por outro lado, temos escolas que respondem às necessidades e insatisfações das famílias desde uma lógica do mercado e assumindo responsabilidades próprias dos pais. São escolas que oferecem serviços de “faz tudo”,⁸ como incluir no curriculum escolar levar a criança ao cabelereiro, lavar e passar o uniforme, fazer comidas congeladas para o final de semana, etc.

A desconfiança no Outro escolar é uma constante que se testemunha inclusive em projetos de lei já antigos como o da “Escola sem partido”,⁹ – sem adentrarmos nas nuances ideológicas que sustentam esta proposta e nas coordenadas políticas que deram empuxo a este projeto recentemente, inclusive pelas famílias –, o slogan que o impulsiona dá uma ideia da desconfiança no professor e no que ele pode ensinar. O slogan é: “Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar”. Uma proposta que tenta garantir a neutralidade política, religiosa e ideológica do Estado com relação à educação, mas uma boa parte vai dirigida aos professores e à desconfiança no que transmitem além dos conhecimentos acadêmicos, de alguma maneira se espera deles certa assepsia no ato de ensinar. Não transmitir mais do que conceitos. Podemos confirmar que em ocasiões há um abuso doutrinário nas escolas, mas o uso jurídico do *para todos*, só evidencia – como coloca Hannah Arendt em seu texto *A crise na educação* –¹⁰ o caráter desastroso de dar as mesmas respostas sem sequer saber a pergunta que está em jogo em cada situação. Perde-se a oportunidade de poder responder de forma mais de acordo às crianças e aos jovens.

A partir deste panorama, poderíamos dizer que, mais do que contornar e localizar o impossível no ensinar – que já Freud nos esclarecia –, trata-se de não querer saber dele. Haveria uma aposta em um ideal ou em uma comunidade que saberia o que é educar “verdadeiramente” as crianças e os jovens. Um famoso dito popular ilustra essa diferença

⁸ <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,escola-oferece-servico-de-faz-tudo-para-pais,70001814004>

⁹ <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>. O Programa Escola Sem Partido existe no Brasil desde 2004. Apesar dos treze anos de existência, foi só recentemente que ele ganhou destaque no debate nacional sobre a educação no Brasil argumentado que nas escolas a militância político-partidária, a doutrinação, a discussão sobre sexualidade e gênero deveriam ser abolidas.

A proposta de lei versa “contra o abuso da liberdade de ensinar”. Essa proposta se opõe ao segundo princípio fixado pela Lei de Diretrizes Básicas, a que estabelece as bases da educação nacional, onde se lê que o ensino será ministrado com base na “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

¹⁰ Disponível em:

https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/260/22409_La%20crisis%20de%20la%20educaci%F3n.pdf?sequence=1

entre a família e a escola que vale problematizar nesta pesquisa, pois é usada nos mais diversos sentidos e âmbitos: “à família lhe corresponde educar e à escola ensinar”.

Se, por um lado, a criação das instituições educativas implicou a divisão da autoridade familiar, houve, ao mesmo tempo, a problematização da educação. Sobre o deslocamento da educação das crianças e dos jovens do seio familiar para as instituições educativas – um tema bastante trabalhado por Philippe Áries –,¹¹ hoje parece que a educação retorna às famílias, mas não a partir do mesmo lugar.

O que se educa? O que implica ensinar e educar na psicanálise e na pedagogia?

Que campo corresponde a cada um?

Freud passou por diferentes momentos com relação ao valor da educação. Se em alguns textos indicou que a psicanálise poderia aportar esclarecimentos à educação, isto é, de alguma maneira, ensinar à pedagogia a partir da psicanálise, ele não ficou ali, chegou a situar que educar implica um impossível.¹² Há algo que insiste e não cessa por mais educável que se pretenda. Localizar isto esclarece que analisar e educar são dois campos em tensão, não excludentes, mas não absorvíveis um pelo outro. A partir desse lugar coloca sua já famosa frase: governar, educar e psicanalisar são tarefas impossíveis. Considerar que cada uma dessas tarefas tem um impossível implica considerar que há um real que é próprio a cada uma.¹³

Tomando em conta essa diferença, vamos partir do que o ensino da psicanálise nos permite esclarecer sobre o que é *ensinar* e acrescentaríamos *transmitir*. Não esqueçamos que o próprio Lacan deu o nome de Ensino ao que ele fazia. Sabemos que o ofício do psicanalista não é a docência, ele ensina só a partir do que a psicanálise lhe ensina; nisso há uma transmissão.

Lacan acentuou o nível da transmissão como o da transmissão da coisa viva. O psicanalista trata de ensinar desde onde a psicanálise lhe ensina e nisto se consolida uma presença viva.

¹¹ Áries, Ph., *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC. 2006.

¹² Freud, S., *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago. 1980. V. XXIII, pp. 281-283. A primeira vez que fez essa pontuação foi em 1925, no “Prefácio ao Livro Juventude desorientada”.

¹³ Lacan tomará este ponto no *Seminário, livro 17* e fará de cada um uma forma de tratar o gozo segundo os discursos da psicanálise, da universidade e do mestre.

Laurent¹⁴ pontua que em psicanálise há que encontrar a pergunta à qual responde cada noção ensinada. Se a encontramos, pode chegar a ser viva e a ensinar o vivo. A partir deste lugar se ensina e algo se transmite.

A diferença entre ensino e transmissão implica que o que se transmite “não precisa ser entendido”, se transmite algo apesar do que se quer ensinar. Neste sentido, o psicanalista ensina no limite do saber.¹⁵ **No ensino há que incluir o impossível de ensinar, o que implicaria a articulação entre transmissão e ensino.**

Ao longo da vida nos encontramos com professores que transmitem a coisa morta, não ensinam. Não entendem o que dizem. E “há grandes professores” – diz Laurent –, esses que deixaram marca, que sabem do que falam.

A partir deste ponto podemos esclarecer que o “ensino do vivo” não está desatrelado do gozo, nele está o vivo da língua. **Ensinar o vivo, implica uma dimensão do gozo detrás do saber.** Trata-se de “uma extração corporal que permite dar uma eficácia ao saber. A eficácia é inventar coisas novas, se orientar nos significantes e saber o que é importante e o que não”.¹⁶

O documentário *Nunca me sonharam*, que trata sobre educação no ensino médio no Brasil, mostra em alguns depoimentos dos jovens e dos docentes essa marca viva que foi deixada por um ensino na transmissão de um saber.

Miller esclarece que o ensino “vivo”, é aquilo que se diz, se profere, se professa, se vocifera. Mas “para vociferar é necessário ter um corpo, há que dar da sua pessoa – diz ele – e não somente de seu sujeito [...]. A vociferação acrescenta à palavra o valor, a dimensão, o peso da voz”.¹⁷ A vociferação não se distancia de quem a pronuncia.

Mas ele também faz uma diferença entre o ensino da psicanálise e o ensino da pedagogia. A pedagogia é um discurso que organiza, que ordena o gozo, e neste sentido é uma forma de dominação enquanto visa um universal. O discurso analítico exclui a dominação porque não organiza o mundo.

Por isso Miller pontua: “No fundo, ensinar é dominar” – é o próprio do discurso da universidade e do mestre, do ensino como pedagogia –. Por isso, há certa

¹⁴ Laurent, É., *Lo imposible de enseñar*. Cuadernos ICBA N° 13, p. 16.

¹⁵ Reis, A., Na era há “Hiperinformação”, o *não saber* como único saber oportuno. *Boletim Um por Um* N° 136. Abril 2012.

¹⁶ Laurent, É., *Lo imposible de enseñar*, *op. cit.*, p. 25.

¹⁷ Miller, J.-A., *Todo mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós. 2015, p. 332.

incompatibilidade entre ensino e psicanálise.¹⁸ A psicanálise não é da ordem do universal, não é uma matéria de ensino, mesmo que exista na universidade. A psicanálise é da ordem do particular e até do singular. Se a psicanálise não se ensina, então como faremos para ensinar o que não se ensina?, – pergunta Miller – e esse é o ponto que nos interessa para nosso tema: o impossível não anula o contingente nem anula outras modalidades. Isto é, implica uma questão de modos, de modalidades. Como disse Laurent – anteriormente mencionado –, implica o nível da invenção como algo da ordem da coisa nova. O novo que nos interessa, sob a ótica da psicanálise, é da coisa viva, daquilo que considera a dimensão do impossível na transmissão de um saber. Não da novidade que é outra coisa.

Ensino e educação: tarefas da pedagogia

Há uma precisão que se torna necessária: a diferença entre ensino e educação. No texto *Da pedagogia à psicanálise*,¹⁹ Di Ciaccia nos ajuda a esclarecer a dimensão do ensino e a dimensão da educação, mas situa ambas como tarefas próprias da pedagogia.

Diferenciar o registro da educação do registro do ensino implica considerar o campo da linguagem, a partir de duas operações estabelecidas por Lacan: o Outro da palavra e o Outro do significante. O Outro da palavra supõe um interlocutor privilegiado que reconhece a palavra, e a autentica. Um Outro que ocupa um lugar diferenciado para dar peso à palavra. Já o Outro do significante destaca a falta do significante para dar conta de todo o gozo ao qual se identificar como “ser próprio do gozo”. O Outro como falta significante convoca o sujeito como falta a responder, pois não todo o gozo pode ser reabsorvido pela ordem significante.

Se na primeira operação se trata da identificação, é para se defender do gozo, pois pelo viés da identificação a criança se protege do ataque do gozo. Essa é uma primeira operação que está em Lacan no início de seu ensino e que Di Ciaccia coloca como próprio da **educação**. Neste sentido, o pai e a mãe podem ocupar esse lugar, assim como os professores. Oferecem, a partir de um determinado lugar, identificações ao qual o sujeito pode se prender para se defender.

¹⁸ Com os significantes Mestres se governa, com o Saber se educa e com o Objeto a se analisa.

¹⁹ Di Ciaccia, A., *Da pedagogia à psicanálise*. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60715/63764>.

A outra operação, partindo de um saber estabelecido, produz um sujeito capaz de se afrontar com o que lhe escapa como saber, de afrontar-se com o que não sabe ainda. Essa é a operação do **ensino**.

Para Di Ciaccia a pedagogia participa destas duas operações:

De um lado, a operação que se apoia sobre a identificação e, de outro lado, aquela que se apoia sobre a aquisição de um saber. A primeira operação, identificatória, permite à criança proteger-se deste gozo que escapa ao significante. Quanto à segunda, ela lhe dá, ao contrário, os instrumentos para um domínio pelo viés do saber.²⁰

Podemos, a partir desta pontuação, nos interrogar sobre em torno de que operação se institui uma determinada instituição educativa e se é possível desatrelar educar para a família e ensino para a escola.

Retomo o documentário *Nunca me sonharam* para ilustrar, especialmente na fala do menino que dá título ao curta, essas duas operações. Ele diz: Meus pais não foram bem-sucedidos na vida, também não me influenciavam. Eles nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo um professor, nunca me sonharam sendo um médico, não me sonharam. Eles não sonhavam e não me ensinaram a sonhar. Tô aprendendo a sonhar sozinho”. Sozinho, mas agora não sem os outros da instituição educativa a qual retornou. Pode aprender a sonhar, inventar o seu sonho a partir do limite do Outro, do furo do Outro. Ali onde algo falhou, ele inventou. Onde o Outro não pode sonhar, ele inventou seu sonho, não sem os Outros. Algo operou ali na transmissão de uma falta.

O impossível na instituição familiar-o impossível na instituição educativa: uma transmissão

O lugar da educação vai além da família. Como acrescenta Cocoz:

A função mais elevada dos pais é a de atemperar em seus filhos o desamparo substancial ao ser humano. Questão que tem dois aspectos: a necessidade de alimento e proteção e o vinculado com as angustias, que produz a parasita da linguagem em nossa natureza humana; a pulsão de morte que é inseparável da vida.

²⁰ Di Ciaccia, A., Da pedagogia à psicanálise, *op. cit.*

Diante disto, o que os pais podem fazer, por estrutura, é limitado, mas não menos decisivo. E nesse limite cobra sentido a educação.²¹

Ou em nossos termos as instituições educativas.

A educação em seu sentido mais amplo implica o “ser de saber” e o “ser de gozo”. A educação se ocupa não só da transmissão de conhecimentos, isto implica considerar a criança como “ser de saber”, mas também da difícil e trabalhosa tarefa de indução da criança ao discurso do mestre, no funcionamento do corpo e das relações com os outros, desde a perspectiva do “ser de gozo”.²²

Portanto, não há criança sem instituição, as famílias e as escolas são instituições com uma função precisa, como diz Lacan: “toda formação humana tem, por essência, e não por acaso, de refrear o gozo”.²³ Então, as instituições educativas e as famílias têm a função de introduzir a criança e os jovens a um discurso universal. Com a ressalva de que nas famílias, esse universal só será possível com um desejo particularizado como veremos a seguir.

Mas que a criança se introduza na instituição implica, como destaca Roy, que esse: “objeto frágil lançado ao mundo, à mercê de todos os encontros (que é a criança) extrai desta mesma condição os recursos possíveis, nas instituições sociais próprias da infância (a família em primeiro lugar)”.²⁴ A partir deste lugar a “criança lacaniana” é um trabalhador. Trabalha em abundância para se fazer um corpo, confrontar o que se espera dele, se fazer responsável pelas coisas estranhas que lhe acontecem. A criança é um construtor de formas, um decifrador de códigos, um aventureiro no mundo de furos e arestas do qual coleta feridas e machucados, mas também é um construtor habilidoso.²⁵

A família, ou as famílias como nos foi proposto pelo ENAPOL, implica uma multiplicidade de formas de fazer família. E como diz Laurent: “A família em si mesma só

²¹ Cocoz, V., A prática lacaniana em instituições: outra maneira de trabalhar com crianças e jovens. *Hay un final de análisis con niños*. Buenos Aires: Colección Diva. 2003, p. 9.

²² *Ibidem*, p. 8.

²³ Lacan, J., Alocução sobre as psicoses na infância. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003, p. 362.

²⁴ Roy, D., Lacan y el niño. *La práctica lacaniana en instituciones I. Otra manera de trabajar con niños y jóvenes*. Buenos Aires: Grama. 2014, p. 25.

²⁵ *Ibidem*.

é digna e respeitável se pode ser um lugar onde cada um possa encontrar um espaço para o que é sua particularidade residual”.²⁶

Há uma especificidade no educar na família. Lacan no “Seminário 22”, é taxativo: o pai como professor, não! A função paterna não é a de professor. É da ordem de uma transmissão muito especial.

A questão da transmissão está bastante presente em Lacan quando fala de família. Em 1938, nos “Complexos familiares”, coloca a transmissão em termos de cultura. Se transmite uma cultura, uma linhagem, inclusive os bens. Em 1969, em “Nota sobre a criança”,²⁷ coloca a família como função de resíduo com o caráter irredutível de uma transmissão. Não se trata da transmissão de um saber, nem da transmissão das necessidades, senão de uma transmissão constituinte do sujeito. A transmissão não é de qualquer coisa, é de algo que constitui o sujeito sob a base de um desejo que não seja anônimo. Ele vai ainda mais longe em 1975 no “Seminário 22”,²⁸ quando coloca que o que transmite o pai é uma versão do seu gozo. A “função” paterna, não é só a simbólica de introduzir o “não”, ela é colocada em termos de *vers*, de orientação, de algo que serve de orientação ao gozo. O pai não fica na proibição ou na educação. O pai educador é o de Schreber. Lacan esclarece que a função do pai se torna modelo, mas não o contrário. Não é como modelo que o pai cumpre sua função, só pode ser modelo da função ao colocar seu corpo, sua presença e transmitir sua versão do gozo. Não se trata de um pai educador: “Um pai não pode ser educador de todo, mais bem está a margem de todos os magistérios” diz ele.

Para pensar este ponto nos serviu o filme *Capitão fantástico*. Uma utopia comunitária familiar e escolar de morar no mato, ensinando e educando aos filhos. O pai sendo pai e professor, função que ele confunde, mas que é constantemente forçado pelas contingências, pelos sintomas dos filhos a deixar, desafiando sua ideia do que significa ser pai.

Para que algo se transmita é necessário que a função se encarne. Acho muito pertinente a colocação de Luis Tudanca,²⁹ quando interroga o que chamamos declínio do pai. Ele coloca que é importante debater sobre esse ponto para avançar, porque uma coisa é a função e outra coisa é se essa função chega a se encarnar em alguém concreto: um

²⁶ Laurent, É., Institución del fantasma, fantasmas de la institución. *Hay un final de análisis con niños*. Buenos Aires: Colección Diva. 2003, p. 203

²⁷ Lacan, J., Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003 [1969], pp. 369-8.

²⁸ Lacan, J., “O seminário RSI”. (Inédito).

²⁹ Tudanca, L., http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/Boletines/Asuntos/Asuntos_ES_018.html.

funcionário, propõe ele. Isto é, o funcionário seria aquele que cumpre essa função, que leva adiante essa função. Quem “encarna” essa função. E coloca como hipótese que o declínio hoje está em quem encarna a função. Nos funcionários concretos. A função permanece, mas se observa cada vez mais que bem poucos se prestam a cumpri-la.

Ensinar nos indica, mesmo que através de um filme, que podemos localizar também nas falas dos pacientes em análise, a marca que certos professores deixaram, apesar do que quiseram ensinar. Nos impasses que se apresentam nos âmbitos escolares com relação ao saber, está implicado a transmissão de um real que se captura pela via do desejo, do vivo e inclusive apesar das faltas do professor. Não é só a escola como instituição, senão a presença real do professor que transmite.

A família como resíduo transmite um desejo não anônimo, algo que marca não pela intencionalidade, senão pela presença real. Encarnar a função transmite algo mais do que se quer ensinar. Nas instituições educativas a função encarnada pelo professor transmite algo mais do que ensinar conceitos? Não é isso o que está implicado nos “grandes professores”, esses que transmitiram um “gosto” pela disciplina, e não só transmitiram conhecimentos? Um desejo “encarnado”, um gozo por detrás do saber.

Se consideramos a palavra instituição na ordem do instituir, do ato de fundar, há diferentes modos de fazer instituição segundo o estado do discurso que a funde. A pergunta que fica aberta e talvez seja fundamental deixar aberta, diante das diferentes propostas é: a medida do quê se ordena determinada proposta educativa ou familiar?

Pergunta que nos mantém na orientação indicada por Laurent, quando esclarece que, como analistas, é fundamental localizar e se distanciar das ficções, sejam legais ou científicas, que produzem as famílias e as escolas para proteger as crianças dos delírios familiares (ou educativos).³⁰

³⁰ Laurent, E., A análise de crianças e a paixão familiar. *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum. 2011, p. 43.